

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

8 e 29 de Novembro de 2025

A Star Is Born / 1937

Nasceu Uma Estrela

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Dorothy Parker, Alan Campbell, Robert Carson (e, não creditados, Selznick, Wellman, Ring Lardner Jr., Budd Schulberg, John Lee Mahin) *Fotografia* (35 mm, Technicolor; 1,1:37): W. Howard Greene *Som:* Oscar Lagerstrom *Montagem:* Hal C. Kern, James E. Newcom, Anson Stevenson *Consultora da cor:* Natalie Kalmus *Música:* Max Steiner *Direcção Artística:* Lyle Wheeler, Edward G. Boyle *Figurinos:* Omar Kiam *Efeitos Especiais:* Jack Cosgrove *Realizador de segunda equipa:* Richard Rosson *Assistente de Realização:* Eric Stacey *Interpretação:* Janet Gaynor (Esther Blodgett / Vicky Lester), Fredric March (Norman Maine), Adolphe Menjou (Oliver Niles), Andy Devine (Danny McGuire), May Robson (Lettie), Lionel Stander (Libby), Owen Moore (Casey Burke), Elizabeth Jenks (Anita Regis), J.C. Nugent (Theodore Smythe), Clara Blandick (Tia Mattie), A.W. Sweatt (Alex, o irmão de Esther), Peggy Wood (Miss Philips), Clarence Wilson (Juiz de Paz), Adrian Rosley (Harris, o maquilhador), Arthur Hoyt, Guinn "Big Boy" Williams, Vince Barnett, Paul Stanton, Franklin Pangborn, Jonathon Hale, Edgar Kennedy, Marshall Neilan, Dennis O'Keefe, Francis Ford, Chris-Pin Martin, Helene Chadwick, Carole Landis, Lana Turner.

Produção: Selznick International Pictures, distribuído através da United Artists (EUA, 1937) *Produtor:* David O. Selznick *Estreia Mundial:* 22 de Abril de 1937, Radio City Musica Hall, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 1 Fevereiro de 1938, cinema Tivoli, Lisboa *Reposição comercial:* 16 de Julho de 1952m Trindade, Porto *Primeira apresentação na Cinemateca:* 4 de Novembro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman") *Cópia:* DCP, cor (Technicolor), 111 minutos, versão original em inglês, legendada em castelhano e eletronicamente em português.

Nota e aviso

Infelizmente, a cópia DCP que vai ser apresentada de **A Star Is Born**, é uma cópia com pouca definição de imagem que fica aquém das suas qualidades originais. Para a sessão de dia 29 será apresentada uma cópia 35 mm de arquivo, proveniente da Suécia.

Na sessão de dia 8 é distribuída a "folha" de Manuel Cintra Ferreira originalmente escrita em 1993 (décadas antes da versão de **A Star Is Born** realizada por Bradley Cooper com Lady Gaga em 2018, que se seguiu aos *remakes* de 1954 e 1976 aludidos no texto de MCF). A sessão de 29 de Novembro contará com um texto escrito no contexto da presente retrospectiva.

Este é um dos títulos maiores e mais famosos de William A. Wellman, e também um dos seus maiores êxitos comerciais, depois de **Wings** e antes de **Beau Geste**. Mas não tão conhecido como se supunha. Foi tardiamente que **A Star is Born** de William A. Wellman teve uma divulgação mais ampla, depois do restauro da cópia, através do negativo original, para exploração em vídeo e na televisão. A razão deste desconhecimento relativo deve-se a uma prática frequente no sistema de produção de Hollywood: a destruição da versão original de um filme quando se pretende produzir uma nova versão, para evitar a concorrência. A cópia nova de **A Star is Born** foi lançada nos anos 50 quando se anunciou a intenção de se fazer um novo filme da mesma história para marcar o regresso de Judy Garland ao cinema. Quando o filme de Cukor foi lançado, a outra desapareceu (durante algum tempo corriam as duas entre nós, pelo que a de Cukor recebeu o título português de **Assim Nasce Uma Estrela**, para o distinguir de **Nasceu Uma Estrela**). Neste confronto de versões há sempre quem puxe a brasa à sua sardinha, o que neste caso significa escolher entre Wellman e Cukor. Mas

por que diabo aceitar uma tem de significar excluir a outra, e valorizar uma signifique diminuir a outra? Pela parte que me cabe as duas versões são duas obras-primas, cada um dos autores valorizando certas facetas mais a seu gosto: o lado musical em Cukor, o lado realista em Wellman. Antes de irmos ao filme propriamente dito, aponte-se uma outra singularidade comum às duas versões: tanto para Janet Gaynor como para Judy Garland a interpretação da figura de Vicky Lester correspondia a um novo "lançamento". A carreira da lendária intérprete dos melodramas de Borzage, e a primeira actriz a receber o prémio da Academia, estava em franco declínio quando Wellman a chamou para **Small Town Girl** e depois **A Star is Born**. Para Judy era ainda mais importante. Representava o *come back* após quatro anos de ausência e uma dramática desintoxicação alcoólica. Ambas tiveram um regresso saudado por tudo e todos. Ambas foram nomeadas para o Oscar e ambas perderam. E tanto para uma como para outra, o regresso foi um canto de cisne. Janet Gaynor abandonaria o cinema depois do filme seguinte (**The Young in Heart**, de Richard Wallace), para só voltar quase vinte anos depois para uma breve aparição como mãe de Pat Boone em **Bernardine**, de Henry Levin. Judy depois do triunfo do filme de Cukor só voltaria sete anos depois, de rosto marcado em **Judgment in Nuremberg** de Stanley Kramer. Se nos lembramos que a infeliz terceira versão desta história, dirigida em 1975 por Frank Pierson, marca o declínio de Barbra Streisand no cinema, talvez se pudesse falar de uma "maldição" de **A Star is Born**.

Esteticamente **A Star is Born** parece ser o filme mais importante de Wellman desde o começo da sua carreira até aos fins da década de 30, aquele em que o realizador leva mais longe o seu gosto pelas experiências. A construção obedece a um princípio caro a Wellman: o movimento circular da história, conduzindo-a de forma a terminar quase do mesmo modo como a começa. Mas o que noutros filme se faz à custa ou do *flashback* ou de uma situação final que retoma a do começo, em **A Star is Born**, isso é feito graças a um prodigioso artifício e que é, desde logo, a marca da modernidade deste filme. Para o cinéfilo conhecedor do cinema moderno a técnica da distanciação não é novidade. Mas a ideia básica que presidia à apresentação da grua por Godard em **Le Mépris**, ou à extinção do arco voltaico da máquina de projectar em **Persona**, de Bergman, como marca de ruptura narrativa e exposição dos instrumentos do artifício que é um filme, já estava presente nos planos inicial e final de **A Star is Born**, de William A. Wellman. Como aqueles realizadores, também Wellman poderia dizer a propósito do seu trabalho: "Isto é apenas um filme. Não é mais do que uma ficção criada para vosso gozo e a prova é a forma como a mostro."

E como a mostra? A primeira imagem do filme é a capa do seu próprio argumento com o título inscrito, entrando no plano uma mão com um carimbo que deixa impressa a expressão "*Final script shooting*", a versão definitiva do argumento para se filmar. A capa vira-se para nos mostrar as primeiras linhas do script, a descrição do primeiro plano, a casa dos Blodgett no campo, durante a noite enquanto um lobo uiva em plano próximo, terminando com uma fusão para o interior que dá início à narrativa propriamente dita. O plano reproduz exactamente o que lá está escrito. Não há engano possível: o que o espectador vai ver é um "filme", não um "naco de vida" mas a materialização de um sonho. E terminado o drama Wellman procede exactamente da mesma forma. Distancia--se dela através do mesmo artifício. Quando Vicky Lester pronuncia as famosas palavras: "*Hello everybody. This is... Mrs. Norman Maine*", voltamos à última página do *script* onde o plano 253 descreve exactamente aquilo que vimos e ouvimos, numa das mais prodigiosas fusões da história do cinema. Entre os dois planos fica o filme que é também uma das primeiras abordagens críticas ao mundo do cinema. Não a primeira porque já Cukor fizera algo próximo em 1932 em **What Price**

Hollywood? que é a fonte de inspiração para a história escrita por Wellman. De qualquer modo mesmo este filme, e alguns que se fizeram depois sobre o mundo do cinema (em particular **Sullivan's Travels**, de Preston Sturges), é ainda um produto híbrido. A "crítica" é ainda uma celebração do mito e não é o sistema o visado, debruçando-se sobre os sonhos e as ilusões desfeitas de alguns dos que nele vivem. Aliás o final de **A Star is Born**, como o do filme de Sturges é a consagração desse mundo do *make believe*, da fábrica de sonhos. A verdadeira crítica só começaria com o dobre a finados do sistema dos Estúdios, em 1950, com o genial **Sunset Boulevard** de Billy Wilder, de quem Mayer teria dito que merecia ser enforcado pelo filme que tinha feito.

O primeiro trabalho a cores de William A. Wellman é também um dos primeiros filmes feitos pelo novo processo do Technicolor tricrómico, patenteado e explorado por Natalie Kalmus e o marido. Depois de utilizado nalgumas médias-metragens (o musical **La Cucaracha**, de Lloyd Corrigan) devido aos custos que comportava, a RKO arriscou-se a produzir uma longa-metragem inteiramente em Technicolor, **Becky Sharp**, de Rouben Mamoulian, em 1935. Quando aparece **A Star is Born** já o processo tinha dado garantias de sucesso, mas é a partir deste filme que ele é consagrado. E Wellman mostra um perfeito domínio de uma técnica então difícil, e logo a seguir fará mais dois filmes também a cores: **Men With Wings** e **Nothing Sacred**, que se contam entre as melhores experiências com este processo. Do interesse de Wellman por estas questões já sabemos, tal como da sua íntima colaboração com os directores de fotografia de forma a alcançar o seu objectivo (recorde-se o genial **Track of the Cat**). Mas o trabalho de fotografia de **A Star is Born** culmina numa sequência sublime, outro dos grandes momentos de Wellman, o suicídio de Norman Maine. Norman está deitado no seu quarto, e pela porta entreaberta, por onde entre uma réstia de luz que lhe ilumina parcialmente o rosto (plano que Wellman usa noutros filmes, como vimos em **Gallant Journey**), ouve o diálogo de Vicky com Niles. Depois de um momento comovente com Vicky (que é uma despedida sem que ela o saiba), Norman dirige-se para a varanda, cruza a porta e dirige-se para a praia, onde se despe e mergulha no mar em direcção ao sol vermelho que se põe. Momento sublime, de tal forma completo e perfeito que, como se sabe, George Cukor se limitou a copiar para a sua versão da mesma história.

Manuel Cintra Ferreira